

O imaginário da Cidade de São Cristóvão: patrimônio, turismo cultural e elementos em pedra calcária, no centro antigo

The imaginary City of São Cristóvão: heritage, cultural tourism and elements in limestone in Old Center

Ivan Rêgo Aragão¹

Resumo

Na cidade de São Cristóvão no estado de Sergipe, um dos destaques como atrativos turísticos são os edifícios que rodeiam a Praça São Francisco. Esse espaço público, desde agosto de 2010, foi avaliado pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade. Os monumentos que cercam o local acima mencionado são exaltados por historiadores e pesquisadores da arte por suas peculiaridades construtivas. O presente estudo destaca a cidade de São Cristóvão a partir da arte colonial, demonstrando a importância do trabalho em pedra calcária dentro do conjunto arquitetônico do centro antigo. Pelo seu valor histórico e estético, estes monumentos são atrações do turismo cultural em Sergipe. Para análise, foi realizada uma revisão de literatura, pesquisa em artigos e livros, trabalho de campo e registro fotográfico. Ao final da pesquisa, verificou-se que os elementos artísticos construídos em pedra calcária possibilitam uma identidade cultural e visual no centro antigo da cidade. O estudo procurou contribuir para a valorização e difusão da cidade de São Cristóvão como destino do turismo cultural.

Palavras-chave: Turismo cultural. Patrimônio. Cidade. Pedra calcária. Praça São Francisco.

Abstract

In the city of São Cristóvão in the state of Sergipe, one of the highlights as tourist attractions is the buildings that surround São Francisco Square. This public space since August 2010 has been evaluated by UNESCO as Cultural Heritage of Humanity. The monuments that surround the space above mentioned, are exalted by historians and researchers in art by their constructive peculiarities. The present study highlights the city of São Cristóvão from the colonial art, showing the importance of working in limestone within the architectural ensemble of the old center. At your historical and aesthetic value, these monuments are attractions of cultural tourism in Sergipe. For analysis, a literature review, research articles and books, field work and photographic record. At the end of the survey, it was found that the artistic elements in limestone built, provide a cultural and visual identity in the old center of the city. The study sought to contribute to the valorization and diffusion of São Cristóvão as cultural tourism destination.

Keywords: Cultural tourism. Heritage. City. Limestone. São Francisco Square.

¹ Mestre em Cultura e Turismo (UESC); Coordenador do Curso EaD Médio –Tec. em Guia de Turismo do Instituto Federal de Sergipe (IFS), Aracaju/SE, Brasil. *E-mail:* ivan_culturaeturismo@hotmail.com

1 Introdução

Durante o período colonial do barroco brasileiro, a pedra calcária foi utilizada como arte aplicada, elemento construtivo e decorativo nos edifícios das cidades próximas ao litoral. Diferentemente da pedra-sabão, amplamente absorvida nos edifícios civis, políticos e religiosos nas áreas urbanas das regiões mineira e goiana. A pedra calcária serviu de adorno para portas, janelas, túmulos em igrejas, conventos, claustros, câmaras e prisões, fontes, casas germinadas, entre outros edifícios nas principais cidades do nordeste brasileiro. De acordo com o manual de conservação de cantarias,

[...] nas regiões ricas em calcário, era esse o tipo presente nas construções dos edifícios, tanto nas alvenarias como nos elementos decorativos. Certamente, a baixa dureza do material permitiu o uso na execução dos elementos decorativos, cujo resultado foram os primorosos trabalhos escultóricos em portadas, lavabos, socos de altares, taças de púlpito e cimalkas, como se pode observar em exemplares da arquitetura colonial, civil e religiosa nos Estados de Sergipe, Paraíba e Pernambuco (BRASIL, 2000, p. 6).

Na cidade quatrocentenária de São Cristóvão no estado de Sergipe, é notória a beleza estética e visual atribuída a elementos decorativos em pedra calcária nos edifícios dos séculos XVII e XVIII. Esse conjunto edificado e decorativo no centro antigo da cidade é objeto de pesquisa e exaltação por estudiosos da arquitetura e história da arte, conservadores-restauradores do Brasil e do exterior² (Figura 1).

Figura 1 – Praça São Francisco



Fonte: Documento Base da Praça São Francisco a Patrimônio da Humanidade (2010)

² A exemplo de Germain Bazin estudioso da história da arte e ex-curador do Museu do Louvre, em Paris, (1901-1990).

A paisagem histórica, cultural e arquitetônica da Praça São Francisco,³ é uma das atrações turísticas da cidade. Nesse âmbito, além de edifícios com arte aplicada e elementos decorativos em cantaria,⁴ o artigo descreve os elementos decorativos nos edifícios que cercam a Praça São Francisco.

A análise do presente texto destaca a arte colonial sancristovense, demonstrando a importância do trabalho em pedra calcária dentro do conjunto arquitetônico do centro antigo. Pelo seu valor histórico e estético, estes monumentos são atrações do turismo cultural em Sergipe. As ações de pesquisa envolveram revisão de literatura, consulta em artigos e livros, observação *in loco* e registro fotográfico.

2 A cidade e o turismo cultural

A cidade como lugar urbano possui carga histórica e valores culturais inerentes no contexto das práticas sociais, usos dos espaços e convivências. Nesse âmbito, as cidades em qual amplitude sejam, trazem em si aspectos determinantes dos atos civilizatórios dos moradores, visto que, proporcionam experiências sociais de convívio entre residentes e hospitalidade com os visitantes. A cidade é o lugar das socialidades e convívio, na concepção de Marc Augé (1994, p. 76) o lugar se configura como *locus* “[...] do sentido inscrito e simbolizado, o lugar antropológico [...] onde se verifica acontecimentos (que ocorreu), mitos (lugar-dito) e histórias (lugar histórico)”. Com o passar do tempo, as cidades tornam-se lugares com um ambiente propício para diversas manifestações de caráter cultural, de produção de bens e identidade coletiva. Como indica Portuguez (2001, p. 81),

Todo lugar é histórico e se produz a partir de preceitos culturais, que variam ao longo do tempo, fazendo com que a paisagem apresente a adição de momentos distintos da evolução social. Em outras palavras, pode-se dizer que a paisagem é a somatória de tempos distintos, do homem e dos demais elementos da natureza, que se conjugam e, por vezes, produzem lugares capazes de serem utilizados para fins de recreação.

Essa gama de manifestações que resultam na cultura local - quer seja ela material ou imaterial - acaba sobremaneira se tornando atraente para o turismo no espaço urbano.

³ A Praça São Francisco foi reconhecida pela UNESCO como um modelo de *Plaza Mayor* em terras que não pertenciam ao Império Espanhol, recebendo no dia 01 de agosto de 2010 o selo de Patrimônio Cultural da Humanidade.

⁴ Segundo o Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI), “a palavra *cantaria*, no âmbito da arquitetura, tem sua etimologia originada do latim “*canthus*” com o significado de “aresta”. Há autores que remete o significado à época pré-romana quando designava “pedra grande”, ou pedra aparelhada para formar o ângulo de uma construção”. Fonte: <http://www.ceci-br.org/ceci/>.

Acrescentando as memórias, histórias e tradição das cidades, formata-se um produto potencial para ser mostrado e divulgado, a partir dos seus aspectos singulares.

Nesse contexto, o espaço urbano das cidades coloniais brasileiras proporciona experiências culturais latentes, haja vista que, cidades do período do Brasil colônia possuem uma história impregnada de sentidos, memórias e vivências seculares. Sentidos, memórias e vivências percebidas em sua arquitetura, ritmos e sons dos grupos de folguedos e danças populares, gastronomia típica e manifestações religiosas singulares. Manifestações herdadas advindas da península ibérica, mas também dos mouros, africanos e nativos indígenas. Essa mescla de culturas é guardada na experiência de visitantes e moradores, onde são passadas e retransmitidas ao longo do tempo. Com a transmissão de saberes se configurando como prática recorrente dentro da comunidade, Thompson (1998, p. 18) demonstra que também, “[...] dá-se igualmente a transmissão de experiências sociais ou da sabedoria comum da coletividade”.

O turismo em cidades como atividade relacionada ao fluxo de pessoas pode auxiliar no intercâmbio de diferentes culturas e assim, modificar o cotidiano dos lugares urbanos visitados e dos seus residentes, bem como, estes influenciarem quem chega para conhecer a cidade.

Os conceitos de urbano, processo de urbanização ou fenômeno urbano se desenvolveram dentro das ciências sociais, que, por sua vez, constituíram seus objetos e estabeleceram seus respectivos métodos analíticos a partir do século XIX, em pleno florescimento da Revolução Industrial – que, alterando os modos de produção, entre outras coisas, reorganizou o espaço, demarcando, com nitidez, o urbano em oposição ao rural – e forte desenvolvimento do sistema capitalista (LOPES, 2009, p. 399).

Com visitação de lugares relevantes para o turismo, o patrimônio cultural incluso nestes locais - estimula várias formas de utilização dos espaços, principalmente para o visitante que desconhece a cidade e quer explorar o seu ambiente urbano.

[...] ambiente urbano, enquanto lócus de concentração populacional é um dos lugares privilegiados de expressão dos suportes materiais e simbólicos produzidos e reproduzidos pelos grupos humanos. A cidade distingue-se como um espaço de vivências, de experiências que conformam as culturas e as práticas de sociabilidade [...] (ZANIRATO, 2006, p. 4).

Sandra Jatahy Pesavento(2002), afirma que a cidade, é por excelência, o lugar do homem. O espaço urbano se presta à multiplicidade de olhares entrecruzados que, de forma transdisciplinar, abordam o real na busca de cadeias de significados. Dentro das novas abordagens teórico-conceituais, a cidade tem sido percebida como local não apenas das

práticas do capitalismo e de acumulação de riquezas, mas de experiência individuais e coletivas memoráveis. Lugar caleidoscópico onde se congregam vários saberes.

As cidades são os lugares que concentram a maioria das pessoas. Elas possuem formação espontânea ou projetada, de vários portes e todas têm sua história construída através do tempo. Em todas podemos perceber aspectos singulares que se expressam nos seus planos, formas, cores, movimentos, sons, arranjos espaciais e relações com a natureza entre outros. As cidades podem se mostrar sob múltiplas facetas em sua complexidade [...](PERDIGÃO, 2008, p. 226).

A cidade ainda evidencia que moradores mais antigos se tornem um atrativo agregado ao espaço urbano e toda uma gama de equipamentos turísticos: atrativo humano junto com o passado da cidade sendo evocado pela lembrança dos cidadãos. Nesse contexto, a memória seria:

[...] a formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. [...] processo psicossocial de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pela legitimidade que produz. A memória fornece quadros [...] de intercâmbio social (MENESES, 1992, p. 22).

O turismo cultural em essência, também pode ser denominado de turismo patrimonial, visto que, essa atividade turística direcionada para a área cultural visa perceber “as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto dos elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (BRASIL, 2008, p. 10). Marcelo Brito (2009) faz uso do pensamento da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) ao enunciar que, o turismo cultural além de,

[...] colaborar para realçar a diversidade cultural em contraposição aos processos de homogeneização derivados do mundo globalizado em que vivemos, visto que essa atividade se realiza em função do diferente, do exótico, do curioso e, por isto, pode se constituir em um instrumento para o intercâmbio entre culturas (UNESCO, 2006 apud BRITO, 2009, p. 231).

Dessa forma, os lugares urbanizados e com características evidenciadas pela história do Brasil (coloniais e imperiais), tornam-se conseqüentemente espaços de enquadramento de memórias e valorização da identidade sociocultural brasileira. As cidades “são, também, atrativas para o turismo, por tudo aquilo que representam, como ‘obras de arte’ das sociedades humanas como lugares de encontro, do ir e vir, do acontecer do modo geral” (CRUZ, 2003, p. 16).

No Brasil, os lugares que surgiram a partir da colonização empreendida por portugueses, possuem características diferenciadas no seu código de construção. As cidades desse período são um:

[...] conjunto de ambientes construídos em diferentes tempos históricos, cujas necessidades humanas eram bem distintas das atuais, de modo que as formas urbanas, na atualidade, chamam a atenção, tanto pelo seu caráter funcional original, quanto por sua aparência, que difere do modo de viver da sociedade pós-moderna, na qual o mundo de hoje se insere (PORTUGUEZ, 2004, p. 3).

Alguns desses espaços foram planejados à feição do traçado urbano ibérico tendo dois níveis: a cidade alta quase sempre o local onde se concentrava o poder político e religioso, e a cidade baixa, lugar do comércio e do porto. A predominância da arquitetura colonial/barroca atrai visitantes para conhecer as construções feitas pelas gerações passadas. Somando-se a esse fator, esses locais muitas vezes, herdaram tradições inventadas, visto que são redutos de celebração do passado, da herança e dos bens culturais advindos de Portugal e Espanha, do continente europeu como todo, e ainda, do Brasil nos seus primórdios quando da chegada dos colonizadores.

3 A Cidade de São Cristóvão (séc. XVI a XIX)

Fundada em 1590 por Cristóvão de Barros, o núcleo urbano de São Cristóvão nasceu com o estatuto de cidade, não só pela necessidade de melhorar a comunicação entre os dois maiores centros urbanos na colônia no século XVI, Salvador e Olinda, mas para afirmar o controle territorial do Império Português em terras brasileiras contra os contrabandistas franceses, consolidando a exclusividade na extração de madeira na região, especialmente pau-brasil (NUNES, 2007).

Construída sob o traçado urbano das cidades ibéricas, São Cristóvão possui na sua formação a cidade alta (ao longo da Igreja Matriz e câmara) e cidade baixa (porto e comércio). Galvão Junior (2007, p. 8), analisa os espaços de poder na formação das cidades na colonização de Portugal,

[...] a organização dos estados ibéricos teve uma função decisiva para a colonização: o poder secular dos reis imbricou em suas cortes o poder divino. A religião vem do poder real dos valores imateriais, como meio de apoio e sobrevivência. Por outro lado, os valores eram materiais distribuídos em bases de ocupação territorial antiga, em suas marchas, retrocessos de ocupações, guerras, domínios, etc.

Os jesuítas chegaram ao território em 1597 (ORAZEM, 2006), os carmelitas e os franciscanos construíram suas igrejas conventuais em 1669 e 1699, respectivamente. Para Telles (2007), a chegada em São Cristóvão das ordens religiosas definiu os elementos que formaram o tecido urbano. Com a construção de igrejas e conventos de irmandades, os espaços públicos sociais estabelecem vinculados a esses edifícios religiosos. Lugares de convivência, fé e regras dos habitantes. O estabelecimento de instituições religiosas na cidade

produziu um legado arquitetônico e artístico essencial para a formação cultural de Sergipe (ARAGÃO, 2009). Segundo Vilela e Silva (1989, p. 25),

São Cristóvão somente desde o século XVII começa a consolidar e ganhar o aspecto monumental que ainda tem hoje. Os principais monumentos religiosos, com exceção da matriz e do convento de São Francisco, foram construídos durante o século XVIII. Na primeira metade do século XIX, o palácio do governo e a maioria dos edifícios que hoje constituem o patrimônio histórico e artístico nacional foram construídos. Com a mudança da capital, a cidade entrou em decadência construtiva que durou até a primeira década do século XX.

De acordo com Nunes (2007), em 1637, os holandeses invadiram Sergipe e chegar à cidade de São Cristóvão e lá permanecem até 1645. Após a retirada dos holandeses, a Capitania de Sergipe⁵ voltou à taxa de crescimento anterior, e a cidade de São Cristóvão tornou-se um centro político, administrativo, judicial e religioso.

Como centro político, os capitães-moradores residiam, trabalhavam na prefeitura e eram os principais eventos que marcaram a história colonial de Sergipe. Viraria o centro judiciário de 1696, com a criação da Ouvidoria de Sergipe, um alto da Bahia, com a residência dos Ovidores. Seria centro religioso com a sede do Vicariato de 1676, quando fora Sergipe Capitania alta devido ao Arcebispado da Bahia (NUNES, 2007, p 10).

São Cristóvão desenvolveu-se como um núcleo urbano, à medida que a região avançava na produção de açúcar com um engenho espalhado pelo território. Passos (2002, p. 237) comenta que "Sergipe foi elevada à categoria de capitania independente, pelo decreto de 8 de Julho de 1820, que rompeu todos os laços com a Bahia". Segundo Nunes (2007), a cidade foi sede da província até 17 de março de 1855, quando a capital se muda para a cidade de Santo Antônio de Aracaju. Com muitos protestos, o povo da cidade, até então capital, não aceitou a medida do Dr. Inácio Barbosa, Presidente da Província.

Pelo seu valor histórico, com edificações e espaços seculares no centro antigo, grupos folclóricos de manifestações populares, culinária, modos de fazer artesanais, a cidade é propícia ao turismo cultural. Na arquitetura, destaca-se o conjunto colonial da Praça São Francisco e Largo do Carmo. No entanto, é possível visualizar por todo centro histórico igreja e casarios coloniais, ateliês de arte.

Na Praça São Francisco, Telles (2007) enfatiza a importância do espaço valorizado por seu tamanho e amplitude, o complexo arquitetônico que o abriga e o valor sociocultural para a cidade. Neste lugar tem um cruzeiro (Figura 2), comum nos grupos franciscanos, que consiste em uma base pedestal para o cruzamento formado pela sucessão

⁵ As capitanias eram uma forma de administração territorial do Império Português, em que a coroa, com recursos limitados, delegou a tarefa de colonização e exploração de determinadas áreas a particulares, através da doação de terras, inicialmente utilizadas com sucesso na operação do sistema de ilhas do Atlântico.

das superfícies curvas, todas de calcário. O autor conclui seu texto comentando que a Praça de São Francisco tem valor em todo o mundo, foi no passado um espaço proeminente para o núcleo urbano de Sergipe e nordeste do Brasil.

Figura 2 – Cruzeiro Franciscano em pedra calcária



Fonte: Foto Ivan Rêgo Aragão

4 São Cristóvão: cidade e turismo

São Cristóvão é um espaço potencial para o desenvolvimento do turismo histórico-cultural, visto que, foi o local da experiência colonial brasileira em Sergipe. Lugar onde a expressão barroca se materializou em vários monumentos religiosos reconhecidos em nível nacional. Esta vocação é única também para a unidade urbana do século XVII e XVIII, ainda preservada na cidade alta. A atividade turística na cidade contribui na perpetuação da memória da população e na conservação do patrimônio cultural e, ainda, pode auxiliar na ativação da economia local. Na concepção de Scifoni (2006, p. 6), “o patrimônio além de outros setores da cultura tornou-se, na contemporaneidade, um poderoso instrumento na lógica da produção capitalista da cidade”.

Diante das relações de produção e consumo dos espaços urbanos pelo turismo, e da importância do patrimônio cultural na oferta turística das cidades históricas, as políticas públicas de preservação do patrimônio possuem uma ligação intrínseca como desenvolvimento do turismo. Ao abordar a relação entre turismo e memória, Palácios (2010)

assume o conceito de política de memória como um processo eminentemente comunicacional, no qual o Estado, em confronto com os demais segmentos da sociedade, aciona determinados dispositivos visando à simbolização do passado, estabelecendo por meio de programas, projetos e ações, a atribuição de valores e a construção de sentidos aos marcos urbanos.

Essa definição de política de memória alinha-se as reflexões sobre o patrimônio como sistema de representação (PRATS, 2005). As ativações patrimoniais são tecidas por meio de negociações, discursos, representações e ideologias, e pela delimitação de espaços ou bens culturais a serem alvos de proteção estatal. Ambos os autores ressaltam ainda que um dos resultados das políticas de patrimonialização promovidas pelas instâncias de poder consiste na transformação e promoção dos centros históricos como atrativos turísticos.

A cidade de São Cristóvão com suas igrejas, conventos e casas é um espaço de memória e "museu ao ar livre". Seus monumentos são marcas de eventos passados que refletem sobre o presente. O antigo espaço urbano fornece subsídios para as ações a serem realizadas em prol do território, da população residente, identificação de pessoas com sua cultura e história. Os edifícios, a coleção de arte sacra, objetos históricos da religiosidade popular, mostram o jeito de ser, viver e pertencer a seus moradores.

5 Os edifícios ao redor da Praça São Francisco e o uso da pedra calcária

Neste breve relato histórico tendo como pano de fundo, as construções vinculadas às irmandades religiosas, os edifícios do poder político e os casarios coloniais do centro antigo, o trabalho descreve os principais edifícios que emolduram a Praça São Francisco. Como modelo baseado no código filipino de urbanização, a citada praça possui espaço demarcadamente quadrado, com suas relações de comprimento e largura ajustadas ao preconizado na Lei IX das Ordenações, bem como as quatro vias secundárias e principais desaguando nos quatro vértices, onde em tudo relembra o que se recomendava para a *Plaza Mayor* de uma cidade ibérica (ARAGÃO, 2011a e b).

Diferentemente dos outros modelos franciscanos edificadas no nordeste do Brasil⁶ que possuem à frente uma rua ou espaço menor, o conjunto arquitetônico da Praça São Francisco possui espaço amplo cercado por três edifícios em destaque: o conjunto franciscano, o antigo conjunto da irmandade da misericórdia e o palácio imperial.

⁶ As igrejas conventuais franciscanas de Penedo e Marechal Deodoro-Alagoas, Olinda-Pernambuco e João Pessoa-Paraíba.

6 Conjunto Franciscano

Pertencente às construções da cidade oriundas do século XVIII, o conjunto franciscano é composto pela Igreja, Convento e Capela da Ordem Terceira de São Francisco. A citada igreja é um modelo que acompanha as demais igrejas franciscanas do nordeste, possuindo nave única, corredores laterais dirigidos à capela-mor ligando o claustro à sacristia (Figura 3).

Figura 3 – Conjunto Franciscano na Praça São Francisco



Fonte: Foto Ivan Rêgo Aragão

Na sacristia, encontra-se um lavabo em pedra calcária datado de 1725 (NASCIMENTO, 1981). O altar principal possui retábulo revestido de madeira, elementos de talha dourada, colunas torças e dossel. Mais ao centro na altura do arco-cruzeiro despontam dois retábulos colaterais “finamente trabalhados, revestidos de ouro em tom mais escuro, dedicado a Nossa Senhora da Conceição e Santo Antônio” (SOUTELO, 2007).

Na Igreja de São Francisco o púlpito é confeccionado em madeira e decorado com douramento e lambrequins, encaixado na parede, à esquerda do lado de quem entra na nave da igreja. As tribunas são abertas dispendo de balaústres e coro. No frontão da igreja, encontra-se em um pequeno nicho uma imagem de São Francisco de Assis. De acordo com Luís Fernando Ribeiro Soutelo (2007), a fachada desse templo religioso é do tipo clássico com frontão triangular e barroco, mais movimentado. O retábulo principal é em estilo D. João V e o lavabo da sacristia feito em pedra portuguesa de Liós, é do século XVIII (CARVALHO, 1989).

A construção do convento franciscano é referência para um modelo de edificação religiosa não somente pela utilização da pedra calcária como material de decoração (CARVALHO, 1942), mas por sua forma construtiva. Para Soutelo (2007, p. 6), “o mais notável dos elementos do convento é o belo claustro, com seus pilares quadrados de ângulos chanfrados (cortados), guarda-corpo inteiriço e arcadas decorativas com motivos fitomórfos trabalhados na cantaria” (Figura 4).

Figura 4 – Elemento fitomórfico decorativo no claustro do Convento (detalhe)



Fonte: Foto Ivan Rêgo Aragão

Conforme Germain Bazim (1956 apud TELLES, 2007, p. 18), o Convento de São Francisco “*Cette oeuvre, d’esprit baroque, tranche avec le classicisme évolués autres cloîtres; elle correspond à cet goût d’ornementations sculptées qui caractérise la région du sergipe où l’on disposait de beaux matériaux calcaires*”.⁷ Além da boa qualidade, Sergipe era detentor de grande quantidade de materiais calcários (CARVALHO, 1942). Esse fato possibilitou que na construção do claustro do conjunto franciscano fosse empregado tanto nas paredes, como nos elementos de acabamento e decoração, o emprego em cantaria desse mineral. O claustro do Convento de São Francisco,

Segue um modelo franciscano de duplo avarandado, é, no entanto, uma peça excepcional e única, porquanto as colunas se repetem em todos os demais conventos, aqui são substituídas por pilastras de seção quadrada com arestas

⁷“É uma obra de espírito barroco, ressalta o classicismo desejado dos outros claustros, ele corresponde ao gosto de ornamentação esculpida, que caracteriza a região de Sergipe, onde dispunha ótimos materiais calcários”.

chanfradas, as quais no térreo dão apoio a uma seqüência de arcadas, e, no segundo piso, diretamente aos beirais dos telhados (TELLES, 2007, p. 11).

Corroborando com os autores anteriormente citados, Carvalho (1989, p. 29), menciona que o trabalho do claustro em cantaria desta construção “é considerado único em conventos franciscanos do Brasil”, como também é único no nordeste do país “o sistema de sustentação em pilares verticais isolados e não em colunas” (Figura 5).

Figura 5 – Claustro do Convento de São Francisco, San Cristóbal-Sergipe



Fonte: Foto Ivan Rêgo Aragão

A capela da Ordem Terceira de São Francisco atualmente o Museu de Arte Sacra possui sua posição única, diferentemente das demais capelas das ordens franciscanas existentes nas diversas regiões do País, em especial no nordeste. Nestas, a capela é sempre paralela às demais parte do conjunto arquitetônico, o que não acontece com a de São Cristóvão que se encontra recuada em relação à igreja e ao convento (SOUTELO, 2007).

A construção religiosa possui na entrada portal em pedra calcária, corado com o brasão da ordem franciscana vinculado aos símbolos do Brasil Império.⁸As janelas [...] “possui verga curva com cimalha, e as sacadas no andar superior, guarda-corpo de ferro. Todos os vãos apresentam cercadura de pedra. As janelas da fachada frontal e posterior, no interior, têm conversadeiras” (SOUTELO, 2007, p. 10).

⁸ Ramos de fumo, café e coroa.

Desde 1974 a Capela da Ordem Terceira Franciscana funciona como o Museu de Arte Sacra.⁹De acordo com o Brasil (2007), o citado museu, conta com um acervo de mais de quinhentas peças, dos séculos XVII à XX e está entre os três principais museus de arte sacra do país em número de acervo. Carvalho (1989, p. 30), menciona que “a maioria das imagens é erudita, feita por santeiros anônimos do Brasil Colônia, bem como da Europa, sobretudo Portugal e Espanha”. O museu de arte sacra possui em seu interior peças [...] “artísticas e religiosas, que floresceram nas terras de Sergipe Del Rey do século XVII ao início do século XX, em escultura dourada e policromada, ourivesaria, prataria, mobiliário e paramentaria” (FONTES, 2007, p. 13).

7 Casa Imaculada Conceição (ex Santa Casa e Igreja da Misericórdia)

A antiga Santa Casa e a Igreja da Misericórdia são um edifício do século XVIII. Sua torre sineira conecta-se com o antigo hospital, "com equilíbrio e riqueza de estilo" (Carvalho, 1989, p: 34). No frontispício da antiga igreja, aparece no telhado e nas janelas do antigo hospital com "coroação" em calcário (Figura 6).

De acordo com Silva Filho (2011), no final do século XV, com exceção das capelas dos conventos de São Francisco e Nossa Senhora do Carmo, a capela da Santa Casa era a única de pedra e cal, existente na cidade de São Cristóvão. Nela, “a porta é decorada com ornamentos esculpidos em pedra calcária de estilo Dona Maria, semelhante aos que ornaram as portas e janelas de São Gonçalo de Penedo-Alagoas” (BAZIN, 1983, p. 178). Como se pode observar na figura 6.

⁹ Posteriormente se transformou na Fundação Museu de Arte Sacra de Sergipe. Revista Turismo & Cidades · São Luís · v. 1, n. 1, p. 39-56, jan./jun. 2019.

Figura 6 – Portada em pedra calcário da Capela de Sant a Isabel (século XVII)



Fonte: Foto Ivan Rêgo Aragão

Figura 7 – Lavatório em pedra calcária (século XVII)



Fonte: Foto Ivan Rêgo Aragão

Carvalho (1989, p. 34), informa que o púlpito tem “estilo barroco com talha esculpida pintada e lavabo confeccionado em pedra calcária” (Figuras 7 e 8). A Santa Casa funcionou como asilo até o ano de 1911, a partir deste ano, começou a ser utilizada como orfanato. Desde 1922, encontra-se sob a administração das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus.

Figura 8 – Detalhe do lavabo no interior da antiga Santa Casa de Misericórdia (século XVIII)



Fonte: Foto Ivan Rêgo Aragão

8 Museu Histórico de Sergipe (antigo Palácio do Governo)

O museu Histórico de Sergipe (antigo Palácio Imperial) é uma construção do final do século XVIII. Pertenceu ao Tenente Domingos Rodrigues Vieira de Melo, posteriormente, foi comprado e reformado pelo presidente da província, Manuel Clemente Cavalcante de Albuquerque, por isso também é conhecido como Palácio Manuel Clemente.

De acordo com Fontes (2007, p. 11), “nenhuma cidade em Sergipe estaria mais adequada para sediar os registros da memória histórica do que São Cristóvão. [...] Então nada mais oportuno do que o Museu Histórico ser instalado na antiga morada do Presidente da Província”. A construção, foi transformada em museu pelo Decreto Lei nº 988 de 2 de setembro de 1960, no Governo de Luiz Garcia (FONTES, 2007). No seu acervo, constam pinturas assinadas por autores como Horácio Hora, mobiliário colonial e imperial, objetos domiciliar de época e uma sala com exposições temporárias.

Em estilo colonial, o seu frontispício ostenta o brasão do Império. O prédio “possui escadaria em pedra calcária e balcão em ferro batido” (CARVALHO, 1989, p. 36). Em 1860, D. Pedro II ficou instalado nessa construção quando visitou São Cristóvão. A partir de 21 de setembro de 1960, começou a funcionar como o museu Histórico de Sergipe, documentando a formação cultural de Sergipe, principalmente no período do Brasil Império.

9 Considerações Finais

Procurando destacar os elementos artísticos em pedra calcária como bens culturais, arte integrada e aplicada aos edifícios, no presente estudo, foi observada a relevância do uso da pedra calcária nas construções do centro antigo de São Cristóvão. O destaque das construções a aplicações em pedra calcária se apresenta para o visitante pela técnica utilizada, beleza artística atribuída aos edifícios antigos em torno da Praça São Francisco. Este é um fator atribuído ao espaço, tornando-o polo do turismo cultural em Sergipe. Como Patrimônio Cultural da Humanidade São Cristóvão é referência para os turistas que buscam conhecer a história e cultura de Sergipe e região Nordeste do Brasil.

Desta forma, os edifícios ao redor da Praça São Francisco por sua arquitetura, uso dos materiais de construção e usos são elementos de atração para o desenvolvimento do turismo cultural, visto que, trazem em seu bojo a memória e identidade cultural das

comunidades compartilhadas. Fontes para uma cultura compartilhada, experiências marcantes e, buscando preservar seus sentidos e significados. Nesse sentido,

[...] o turismo cultural implica em experiências positivas do visitante com o patrimônio histórico e cultural e determinados eventos culturais, de modo a favorecer a percepção de seus sentidos e contribuir para sua preservação. Vivenciar significa sentir, captar a essência [...] (BRASIL, 2008, p. 16).

A Praça de São Francisco, como um espaço especialmente ligado à história e à cultura, promove o estudo, a pesquisa e o turismo, pois é um território que possui um patrimônio cultural em todo o mundo. A arte aplicada em calcário apresentada ao longo da investigação revelou como o trabalho de decoração da pedra era valorizado, esteticamente e visualmente enriquecendo o edifício. Neste contexto, o estudo procurou contribuir para o trabalho de escultores em pedra e suas obras de construção nos séculos XVII e XVIII no território de São Cristóvão em Sergipe.

Referências

ARAGÃO, Ivan Rêgo. **Cultura, identidade e memória**: uma análise da relação entre o turismo e o patrimônio arquitetônico da cidade histórica de San Cristóbal. 2009. Monografia (Turismo) – Estácio Faculdade de Sergipe, Aracaju, 2009.

ARAGÃO, Ivan Rêgo. La Plaza San Francisco en la ciudad de São Cristóvão: barroco espanhol en Brasil? **Brasil Cultural**, Lima, n. 8, p. 4-9, 2011a.

ARAGÃO, Ivan Rêgo. Praça São Francisco em São Cristóvão-Sergipe-Brasil: lócus sociocultural e patrimônio da humanidade. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 97-109, 2011b.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da super modernidade. 2. ed. Campinas: Papirus, 1994.

BAZIN, Germain. **Arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

BRASIL. **Manual de conservação de cantarias**. Brasília, DF: IPHAN, 2000.

BRASIL. **Dossiê da proposta de inscrição da Praça São Francisco em Sergipe na lista do patrimônio mundial**. Aracaju: Secretaria de Estado da Infraestrutura: IPHAN: Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. CD-ROM.

BRASIL. **Turismo cultural**: orientações básicas. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2008.

BRITO, Marcelo. Turismo cultural sustentável: certificação de destinos turísticos de dominância patrimonial. In: CAMARGO, P. de; CRUZ, G. da (org.) **Turismo cultural**: estratégias, sustentabilidade e tendências. Ilhéus: Editus, 2009.

CARVALHO, Airton. Algumas notas sobre o uso de pedra na arquitetura religiosa do nordeste. **Revista IPHAN**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 277-294, 1942.

CARVALHO, Eliane M. S. **São Cristóvão e seus monumentos: 400 anos de história**. Aracaju: Secretaria de Estado da Educação, 1989.

CRUZ, Rita de C. A. da. **Introdução à geografia do turismo**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2003.

FONTES, Aglaé D'ávila. São Cristóvão: aspectos culturais. *In*: BRASIL. **Dossiê da proposta de inscrição da Praça São Francisco em Sergipe na lista do patrimônio mundial**. Aracaju: Secretaria de Estado da Infraestrutura: IPHAN: Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-24. CD-ROM.

GALVÃO JÚNIOR, José Leme. Análise da evolução morfológica do espaço urbano. *In*: BRASIL. **Dossiê da proposta de inscrição da Praça São Francisco em Sergipe na lista do patrimônio mundial**. Aracaju: Secretaria de Estado da Infraestrutura: IPHAN: Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-21. CD-ROM.

LOPES, D. M. F. Cidades pequenas são urbanas?: o urbano possível. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v. 19, n. 2, jul./set. 2009.

MENESES, Ulpiano T. B. de. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais. **Revista do Instituto dos Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 34, 1992.

NASCIMENTO, José Anderson. **Sergipe e seus monumentos**. Aracaju: J. Andrade, 1981.

NUNES, Maria Thétis. A cidade de São Cristóvão na formação da história de Sergipe: desde a colônia até os dias atuais. *In*: BRASIL. **Dossiê da proposta de inscrição da Praça São Francisco em Sergipe na lista do patrimônio mundial**. Aracaju: Secretaria de Estado da Infraestrutura: IPHAN: Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-16. CD-ROM.

ORAZEM, Roberta Barcellar. **Arte colonial de Sergipe: análise dos elementos artísticos das igrejas da ordem terceira e Convento do Carmo em San Cristóbal-Sergipe**. 2006. Monografia (Artes Visuais) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006.

PASSOS, Carla. São Cristóvão a primeira capital de Sergipe. **Cinform Municípios**, Aracaju, n. 200, p.236-238, 2002.

PALACIOS, Cecilia. Turismo y memória: reflexões teórico metodológicas sobre el espacio para la memoria – Buenos Aires, Argentina. **Estudios y perspectiva en Turismo**, v. 19, p. 268-278, 2010.

PERDIGÃO, C. O patrimônio arquitetônico, os sítios históricos e o turismo. *In*: **Gestão da Cadeia Produtiva de Turismo**: fascículo 14. Fortaleza: Universidade Aberta do Nordeste: Fundação Demócrito Rocha, 2008.

PESAVENTO, Sandra. J. **O imaginário da cidade**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

PORTUGUEZ, Anderson. P. **Consumo e espaço**: turismo, lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2001.

PORTUGUEZ, Anderson. Turismo, planejamento socioespacial e patrimônio histórico cultural. *In*: PORTUGUEZ, A. P. (org.). **Turismo, memória e patrimônio cultural**. São Paulo: Roca, 2004.

PRATS, Lorença. Concept y gestión del patrimonio local. **Cuadernos del Antropología Social**, n. 21, p. 17-35, 2005.

SCIFONI, Simone. A UNESCO e os patrimônios da humanidade: valorização no contexto das relações internacionais. *In*: JACOBI, P; FERREIRA, L. C. (org.). **Diálogos em ambiente e sociedade no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2006.

SILVA FILHO, José Thiago da. Memória da Santa Casa da Misericórdia de São Cristóvão-Sergipe. **Revista Memorial do Poder Judiciário de Sergipe**, Aracaju, n. 1, 2011, p. 141-163.

SOUTELO, Luís Fernando Ribeiro. O convento de Santa Cruz e a Igreja Conventual: a presença franciscana. *In*: BRASIL. **Dossiê da proposta de inscrição da Praça São Francisco em Sergipe na lista do patrimônio mundial**. Aracaju: Secretaria de Estado da Infraestrutura: IPHAN: Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-12. CD-ROM.

TELLES, Augusto Silva. São Cristóvão: urbanismo e arquitetura. *In*: BRASIL. **Dossiê da proposta de inscrição da Praça São Francisco em Sergipe na lista do patrimônio mundial**. Aracaju: Secretaria de Estado da Infraestrutura: IPHAN: Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-19. CD-ROM.

THOMPSON, Edward. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

VILELA, Iêda Maria Leal; SILVA, Maria José Tenório da. **Aspectos históricos, sociais, culturais e artísticos da cidade de São Cristóvão**. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura e Meio Ambiente, 1989. (Série memórias, v. 1).

ZANIRATO, Sílvia. H. Patrimônio para todos: promoção e difusão do uso público do patrimônio cultural na cidade histórica. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 2, n. 2, 2006.